

## BELA\*

Lúcia Castelo Branco

Quando a sirene do comboio apitou, anunciando a chegada em vila Viçosa, pude sentir as primeiras batidas desrítmicas de meu coração, as mesmas batidas que tantas vezes senti quando o desamparo se aproxima. Lá estava eu, na cidade onde Bela nascera, procurando uma marca, um sinal, uma memória.

No caminho, a estranheza das pedreiras de mármore já havia me mantido suspensa a respiração: como Bela teria conseguido sobreviver a essa avalanche do branco sobre o branco? “Mas se a noite sou eu própria” — ela parecia me dizer — “a noite escura...”

Em meio à cidade, diante da monumentalidade do paço Ducal e da plethora de objetos que o adornam, em meio às ruas estreitas e à melancolia monótona de suas fachadas brancas, em meio ao calor estonteante da terra ardente do Alentejo, os versos de Bela tornavam-se ainda mais nauseantes. “Eu não sou de ninguém!... Quem me quiser há-de ser luz do Sol em tardes quentes...” — ela dizia —, e nunca a poesia me pareceu algo tão obsceno, tão vulgar e tão esplendorosamente solar.

Florbela havia me chamado ali alguns anos antes, quando eu era ainda uma menina e havia lido pela primeira vez o seu diário. “Este diário é o registro dos últimos dias de uma virgem prometida à morte”, a prefaciadora dizia. Palavras absolutamente desnecessárias; eu pensaria mais tarde, já que a morte, com sua obviedade, increvia-se no mínimo gesto de Bela. O mesmo talvez não pudesse ser dito de sua virgindade: a voluptuosidade de seus versos, a desmesura de sua paixão pelo irmão, a sofreguidão de sua voz não permitiam que sua virgindade ficasse tão exposta quanto seu desejo pela morte.

Mas Florbela era virgem e disso só saberiam seus amigos

mais íntimos, seus leitores mais fiéis, seus três maridos infelizes, seu irmão Apeles e eu. Assim ela costumava nos dizer, sempre que a importunávamos com nossas impertinentes questões: “Um homem? — Quando eu sonho o amor de um Deus!...”

Ali, diante do Paço Ducal e da melancolia do branco, diante das badaladas do sino da Igreja da Matriz, eu finalmente compreenderia, de maneira cabal e definitiva, a virgindade de Florbela. Por isso talvez eu caminhasse assim com essa determinação e alguma fé, observando cada pedra do caminho, cada parede caiada, cada latido de cão. Onde estaria Florbela àquela hora? O que faria enquanto suas companheiras bordavam paninhos brancos para que seus maridos enxugassem as mãos engorduradas de toucinho?

“O casamento é brutal, como a posse é sempre brutal, sempre...” — ela uma vez me dissera. “Só para as mulheres, as tais mulheres mais animais que espirituais, é que o casamento não é a desilusão de sempre”. O que faria Florbela, enquanto as mulheres-animais cozinhavam sopas e cosiam meias e a tarde ardia assim ao sol do verão do Alentejo?

Tudo isso me invadia a mente de maneira pouco organizada e febril, enquanto eu atravessava em diagonal o vilarejo de Vila Viçosa. Algo me dizia que aquela cidade fora concebida para ser atravessada em diagonal e que talvez nessa travessia eu terminasse por encontrar, em alguma de suas brancas esquinas, a sombra de Florbela.

Foi quando então percebi que alguma coisa me incomodava profundamente e me impedia de continuar a caminhada: eu sentia uma sede insuportável, a mesma sede que comumente me acompanha todas as vezes em que eu sou surpreendida pelo desamparo. A sede de Florbela? —, eu pensaria depois, mas, por enquanto, eu não pensava nada, apenas sofria da sede e da secura na garganta e me recostava em um dos muros caiados de Vila Viçosa esperando que alguém viesse em meu socorro.

Na casa da frente pude perceber, através da cortina de renda, uma senhora bastante idosa que, em movimentos lentos, movia-se, também em diagonal, pelo que me parecia, dali, ser uma sala sem móveis, sem objetos, sem imagens nas paredes. Dali eu podia também perceber que a senhora se inclinava, em movimentos regulares, e se abaixava, para apanhar, do chão, alguma coisa que ela transportaria, com evidente esforço, para o cômodo contíguo à sala.

Aproximei-me da casa, com certo receio e pudor, mas com sede suficiente para que não pudesse refrear-me. Antes que eu batesse à porta, a senhora parece ter visto meu vulto através da cortina e veio abrir, com um sorriso largo e inusitado para aquela tarde sufocante.

Minutos depois eu estava dentro de casa, aquela casa sem móveis, sem objetos, sem memória, e aguardava, pacientemente, por copo d'água. Lembro-me de poucas vezes na vida ter sido tão assolada pela imagem do branco: as paredes brancas, o branco das cortinas, o branco do lenço da senhora cuidadosamente amarrado sobre sua cabeça branca de poucos cabelos, tudo isso juntava-se à náusea daquela tarde e à voz adocicada de Bela, a repetir: "porque não me esqueço eu de viver ... para viver?"

Foi quando então percebi a que se deviam aqueles gestos repetidos da senhora, que eu pudera adivinhar através da janela. A mulher se abaixava, repetida e pausadamente, para retirar, de um estranho poço que ficava em meio àquela sala sem móveis e sem imagens, um balde de água fresca que ela levava para o cômodo ao lado. "São para minha irmã" — ela me disse, ao perceber o meu olhar inquiridor. E de um dos baldes retirou um, dois, três copos de água fresca que eu bebi agradecida.

Antes que eu atravessasse a porta em direção à rua, não pude conter o meu espanto. Voltei-me para a velha senhora, tentando dizer-lhe "obrigada", mas só pude dizer: "a sua irmã ...". "Pois, a minha irmã", ela me disse, e, sem finalizar a frase, fez-me um sinal para que eu a acompanhasse até o cômodo onde a irmã se encontrava e para onde ela se dirigia com os baldes d'água. Ao abrir a porta, antes que aquela fulminação da imagem tomasse conta para sempre de meus olhos, pude ver com clareza a imagem de outra velha senhora, agachada, misturando na água do balde uma tinta vermelha e pintando, com ela, uma faixa vermelho-sangue próxima do rodapé daquele quarto também sem móveis.

Lembro-me ainda da insuportável perturbação que aquela cena subitamente me causou, Lembro-me de ter saído depressa da casa das velhas senhoras, sem nada dizer. Lembro-me da primeira senhora ter me acompanhado à porta, ela também perturbada, a repetir: "pois, a minha irmã".

Na rua, sob o sol escaldante do Alentejo, eu pensava ainda nas velhas senhoras e na estranha virgindade de Florbela. "Quantas formas de amor haverá?" — eu pensava, e aquela pergunta, que

hoje me parece súbita e incompreensível, naquele momento era de uma transparência cristalina.

Quando eu subia os degraus do comboio que já apitava, anunciando seu retorno à Lisboa, Florbela ainda acercou-se de meu ouvido e, como se não quisesse mesmo me livrar daquele entorpecimento, soprou suavemente: "A morte pode vir quando quiser: trago as mãos cheias de rosas e o coração em festa: posso partir".

\* Trecho do livro intitulado *Melancolia*, em fase de criação.